

BONS PARA TORCER, BONS PARA SE PENSAR – OS CLUBES DE FUTEBOL NO BRASIL E SEUS TORCEDORES

Arlei Sander Damo*

Mistério da Bola

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminenses ou Vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro.

Carlos Drummond de Andrade

A afirmação de que o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira pode ser encontrada tanto nos discursos do senso comum quanto nos trabalhos acadêmicos. Se não há dúvidas de que o futebol faz parte do nosso cotidiano e de que nós nos relacionamos com ele de um ponto de vista ético e estético singularíssimos, há uma série de maus entendidos quando se procura justificar este apreço e a especificidade correlata.

Neste particular, duas são as explicações mais recorrentes. A primeira, calcada na razão instrumental, estabelece uma relação direta entre a simplicidade das regras e a facilidade de improvisação do futebol, com a precariedade das condições materiais de

existência do povo brasileiro. Esta explicação é inconsistente não apenas porque está calcada numa espécie de darwinismo social, mas porque parte de certas premissas equivocadas, dentre elas a de que as regras do futebol são simples, de fácil adaptabilidade. É preciso inverter esta ótica e dizer que é pelo fato do futebol fazer parte do processo de socialização dos brasileiros, particularmente dos meninos, que suas regras nos parecem simples e até mesmo óbvias. De mais a mais, basta observarmos a popularidade do futebol no mundo, especialmente na Europa Ocidental, para aferirmos que este fenômeno não pode ser explicado exclusivamente por variáveis de ordem econômica; pela cultura da pobreza, para ser mais pontual.

A segunda explicação, sustentada pela razão simbólica,¹ estabelece vínculos entre a cultura popular e o futebol. O ponto de intersecção seria a valorização do “baixo corporal”. De um lado o futebol, que se destaca dos demais esportes por ser praticado com os pés; de outro, a cultura popular, permeada de metáforas e alegorias que exaltam o baixo ventre e, a partir dele, promovem a inversão topográfica do corpo e dos simbolismos a ele associados (Bakhtin, 1993). No caso brasileiro, talvez tenha sido Gilberto Freyre (1964), o primeiro a dar a esta explicação um contorno acadêmico. A aproximação não é de todo equivocada. Todavia, persiste uma questão a ser desvelada. Ela explica porque jogamos de uma determinada forma, apreciamos certos movimentos que os “outros” admiram em nós – como os dribles, por exemplo –, mas não avança na questão principal. Por que fizemos do futebol o esporte nacional? Se o futebol está indissociavelmente ligado ao baixo ventre, ao jogo de cintura, enfim, à capoeira e ao samba, como podem os argentinos, os ingleses e os italianos, entre tantos, também gostarem do futebol? Não seria mais correto afirmar que a capoeira e o samba deram ao nosso futebol um contorno próprio, uma especificidade cultural – mais nítida entre os cariocas do que entre os gaúchos, por exemplo – ao invés de tomá-los como variantes explicativas de um processo permeado por descontinuidades históricas e socialmente diversificado?

Minha preocupação não é tanto o porquê, mas como o futebol

chegou a ser o que é no Brasil, valendo-me, para tanto, de uma abordagem que privilegia os contextos históricos e sociais a partir dos quais nos apropriamos de uma prática exógena e atribuímos-lhe um significado próprio. Não pretendo esgotar a discussão neste artigo, mas chamar a atenção para o fato de que os brasileiros não apenas gostam do futebol, senão que o fazem a partir de um referencial, os “clubes do coração”.

Poder-se-ia argüir que a relação entre os torcedores e seus clubes, aqui denominada de pertencimento clubístico, é uma entre tantas identidades sociais vigentes nas sociedades complexas, não sendo, portanto, uma particularidade dos brasileiros. Contudo, a esta “máscara” que resulta, como sugere o poeta Drummond (citado na epígrafe), “da necessidade de optar”, correspondem códigos, valores e atitudes que dizem muito acerca de quem somos. Como no caso da culinária e do vestuário, onde se afirma que “somos o que comemos e o que vestimos” (Fine e Leopold, 1993), no futebol “somos o clube para o qual torcemos”.

A iniciação de um torcedor começa pela escolha de um clube para torcer. Esta mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família. A mudança de opção é rara e, quando ocorre, é permeada por atribulações de toda ordem, sendo que a primeira dificilmente será esquecida. Sendo assim, o “clube do coração” deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada cidadão.

A contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento. Como se sabe, cada clube tem sua história marcada por altos e baixos, freqüentemente atualizados nas narrativas dos torcedores. Tais fatos e circunstâncias são identificados com determinada época, local e personagens, dentre os quais o próprio torcedor ocupa, invariavelmente, um lugar de destaque. Trata-se, antes de mais nada, de um ajuste, de um ordenamento cujos objetivos não se limitam a

elaboração de uma narrativa na qual o sujeito se reconhece enquanto pertencente à trajetória do clube - ou parte dela - mas, seguidamente, a adequação desta última numa perspectiva individualizada, condizente com a visão de mundo de um sujeito que se percebe além da condição de torcedor. Neste processo, a trajetória do clube pode e tende a ser constantemente recriada, eliminando-se eventuais contradições entre valores considerados primordiais em outras esferas da sociedade – partidos políticos, por exemplo – e aqueles praticados pelo clube enquanto instituição.

A paixão clubística desafia até mesmo uma máxima, segundo a qual “‘gostar de futebol’ pressupõe ‘entender de futebol’, o que só é conseguido através da prática do jogo” (Guedes, 1982:62). Se é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu “clube do coração”, é comum pessoas com escassa ou nenhuma prática deste esporte se dizerem torcedores fanáticos. Em outras palavras, a opção clubística transcende o próprio futebol.²

Como uma espécie de mola propulsora do universo futebolístico, o “amor pelo clube do coração” revela aspectos centrais sobre o que se poderia resumir como uma forma de sociabilidade através do conflito (Lever, 1983). Torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social. Trata-se de uma participação que, como afirma DaMatta (1994), permite “redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na “rua” - no estádio, em pleno domínio público” (:16).

É em torno deste *sentimento de pertença* que gravita este artigo. Não pretendo, ao final, esboçar uma teoria sobre as razões pelas quais o pertencimento clubístico é único e imutável; uma única definição sobre este sentimento; e nem mesmo uma síntese do que seria um “tipo ideal” de torcedor. Gremistas, palmeirenses e flamenguistas são cidadãos quaisquer, que partilham, entre outras coisas, o gosto pelo futebol. Justamente porque partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito peculiar alguns desses conflitos, é que existem

as rivalidades clubísticas, algumas delas circunscritas à esfera local, outras regionais e até nacionais. Para compreender a amplitude desta afirmação, detalhada na segunda parte deste ensaio, é necessário, primeiramente, apresentar um quadro sintético acerca do contexto de fundação dos principais clubes de futebol no Brasil e do modelo de sociabilidade por eles difundido.

1. O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil

1.1. Os clubes de elite

O futebol chegou ao Brasil como “um produto de importação” (Leite Lopes, 1994:29). Embora alguns pesquisadores contestem esta tese, especialmente no que se refere à primazia de Charles Miller – como é o caso de Sliirts (1982) –, a maioria, entre a qual me incluo, assume abertamente a visão “oficialista”, tomando o próprio Miller – suas origens, sua trajetória, suas idéias, etc. – como um “dado” revelador. Nesta perspectiva, são constantemente evocados o ano de 1894, quando foi realizado o primeiro jogo “oficial”; o fato de Miller ser brasileiro de descendência inglesa – era filho do cônsul britânico em São Paulo –; e de ter organizado o primeiro *match* quando retornou de Southampton, Inglaterra, onde estivera como interno durante seus estudos. Outros “detalhes” são, contudo, relegados ou, na melhor das hipóteses, referidos como secundários. Via de regra, dá-se pouca importância ao fato de Miller ter trazido consigo duas bolas “oficiais”, um livro de regras “oficiais” e, o mais revelador de todos os “detalhes”, não saiu dando *shoots* no quintal do consulado, senão que organizou um *meeting* “oficial”; distribuiu os cavalheiros – ingleses ou descendentes da aristocracia e da alta burguesia paulista – em *teams* e as damas – de mesma procedência – na *assistance*. Miller não trouxe, portanto, apenas uma prática esportiva, mas um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimento.

De acordo com Levine (1982), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em quatro períodos amplos, sendo que no primeiro

deles, entre 1894 e 1904, o futebol se “manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local”, de acordo com o modelo implementado por Charles Miller.³ Ainda que se possa fazer algumas objeções em relação às generalizações de Levine, que toma como parâmetro apenas o eixo Rio-São Paulo – sendo assim, o ano de 1894 corresponde ao *match* organizado por Miller, em São Paulo, e 1904, à fundação do The Bangu Athletic Club, o primeiro clube operário – no mais a afirmação é procedente. Durante essa primeira década, o futebol se manteve, em geral, restrito aos clubes, e estes, por seu turno, circunscritos aos imigrantes europeus.

O São Paulo Athletic Club, o Mackenzie College, o Atlético Paulistano, o Sport Club Germânia e o Sport Club Internacional foram os pioneiros a organizar uma liga e disputar um campeonato. Eram os “grandes” clubes paulistanos na virada do século. Nem tanto pelo fato de mobilizarem extenso contingente de público, mas por terem sede própria, estrangeiros e paulistas de “quatrocentos anos” no *ground* e na *assistance*, espaço na imprensa e, principalmente, por serem clubes e não apenas times, como era freqüente no “pequeno futebol” – como a imprensa da época denominava, pejorativamente, o futebol jogado em condições precárias, nos campos de várzea (Toledo, 1996a).⁴

A influência dos imigrantes europeus se estendeu ao longo das décadas seguintes. Os atuais “grandes” do futebol paulista, por exemplo, estiveram, desde suas fundações, ligados direta ou indiretamente a estes estrangeiros atraídos à metrópole paulistana pelo acelerado processo de industrialização desencadeado a partir da virada do século.

O Corinthians paulista se firma, logo de início, como o time do proletariado e do subproletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros), mas está longe de ser o time de maior torcida. Esta fica por conta do Palestra Itália (atual Palmeiras) que, como é óbvio, concentra os torcedores da colônia italiana, fornecedora de mão-de-obra especializada e/ou semi-especializada. Desde aí estabelece-se uma rivalidade

muito grande entre estas duas torcidas, explicada por Anatol Rosenfeld como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido.

(César, 1982:155-6)

No Rio de Janeiro, onde a chegada do futebol seguiu, em linhas gerais, os mesmos passos de São Paulo, já existiam muitos clubes voltados para a prática esportiva antes mesmo da chegada do futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, surgiu a partir do Lusitânia Club e foi fundado em 1898 por prósperos comerciantes e banqueiros portugueses. O Fluminense Futebol Clube, considerado, nos primórdios, como a “elite entre a elite”, foi fundado em 1902 como uma ampliação do Rio Cricket and Athletic Association, de influência inglesa (Coelho Netto, 1952). Com o Flamengo, tido atualmente como o clube mais popular do Brasil, não foi diferente. Surgiu como Clube de Regatas do Flamengo, em 1895, e só abriu espaço para o futebol 14 anos depois.

O Flamengo hesitou, acabou cedendo, mais para fazer uma experiência. Se o futebol não combinasse com o remo, nada feito. E como não podia combinar, o time de futebol entrou em campo com uma camisa bem diferente da camisa do remo. (...) A camisa de futebol horrorosa, de quadrados pretos e vermelhos, ganhou logo um apelido: *papagaio de vintém*. [Os futebolistas não gostaram e mudaram logo em seguida mas, como era imperioso que mantivessem a diferença em relação aos remadores, introduziram um friso branco entre as listras horizontais pretas e vermelhas; o vermelho e preto, na horizontal, era exclusividade do remo]. (...) Mas veio a Grande Guerra, submarinos alemães afundaram navios brasileiros e o povo foi para as ruas caçar alemão (...). Foi quando se descobriu uma semelhança entre a camisa de futebol do Flamengo e a bandeira alemã: vermelha, preta e branca, justamente as cores da camisa cobra coral. A listrinha branca (...) para distinguir o futebol do remo, atrapalhara

tudo. Por causa dela o Flamengo foi olhado com desconfiança. E o Flamengo tinha alemães, sócios alemães, que gostavam de sair de manhã cedo com um barco, que gostavam de remar. Botou-se para fora tudo quanto era sócio alemão. E tirou-se, da camisa do time de futebol, o friso branco que separava o vermelho do preto.

(Mário Filho, 1964:36)

A narrativa de Mário Filho exemplifica as diferenças e as rivalidades entre desportistas no interior de um mesmo clube, no caso o Flamengo. Enfatiza também a resistência dos clubes de elite em relação à popularização do futebol e à valorização do remo, este sim, um esporte de poucos.⁵ Botafogo, Flamengo e Vasco, especialmente os dois últimos, surgiram do remo e para o remo, só mais tarde incorporando o futebol. Não eram, portanto, apenas clubes identificados com os imigrantes europeus, mas com uma elite entre estes imigrantes e, por esta razão, permitiram, desde o princípio, a inclusão de sócios não-imigrantes, desde que bem estabelecidos social e economicamente.

Se, no caso do Rio de Janeiro, o futebol da *belle époque* deve muito ao *status* galgado anteriormente pelos remadores, que contribuíram para familiarizar as elites brasileiras com o novo estilo de vida originário das metrópoles européias, no caso de Porto Alegre o futebol tem muito a ver com ginastas, remadores, ciclistas e outros tantos desportistas teuto-gaúchos. O futebol chegou à capital gaúcha em 1903, mas, antes dele, já existiam várias sociedades esportivas e recreativas. A Sociedade Leopoldina, cuja denominação homenageia a Imperatriz D^a Leopoldina, “protetora dos imigrantes”, foi fundada em 1863 por um grupo de vinte alemães e teuto-gaúchos. A Sociedade Ginástica Turnerbund, atualmente Sociedade Ginástica Porto Alegre, surgiu da fusão, em 1892, de duas outras entidades teuto-gaúchas onde era praticada a ginástica. Além da ginástica, a Turnerbund oferecia aos seus associados uma gama variada de outras atividades, tais como tênis, esgrima, bolão e até mesmo coral e canto, só para citar as mais importantes (Hofmeister, 1987). Havia outras sociedades de menor expressão, mas, o que é importante destacar aqui, todas elas cultuavam, além

das práticas esportivas, certos traços identitários, entre os quais a língua de origem de seus sócios-fundadores.

Tal qual o Flamengo, a Turnerbund relutou em admitir o futebol. Tanto é verdade que o Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf (Equipe de Futebol Sempre Avante) só apareceu, “oficialmente”, em 1909, como uma espécie de “departamento de futebol” da Turnerbund. Antes disso, esta e outras associações esportivas da capital contribuíram, mesmo que indiretamente, para a fundação do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e do Fuss-Ball Club Porto Alegre, os dois pioneiros no futebol da capital gaúcha, fundados em 1903. Foi a Turnerbund, em parceria com outros clubes, dentre os quais a União Velocipédica e a Rodforvier Verein Blitz – duas associações de ciclistas –, que tomou a iniciativa de promover a apresentação do futebol aos porto-alegrenses, organizando uma excursão do Sport Club Rio Grande – sediado na cidade portuária de mesmo nome – à capital.

Um inventário acerca da introdução do futebol nas demais capitais brasileiras – refiro-me especialmente a Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Recife, por se situarem nestas cidades alguns dos “grandes” do futebol brasileiro – não difere, substancialmente, do que ocorreu em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Em geral, foram os imigrantes que assumiram a tarefa, e cumpriram-na como tal, de fundar clubes e disseminar tanto o futebol quanto outras práticas esportivas trazidas da Europa.

Por razões diversas, nem todos os clubes que abriram suas portas ao futebol foram bem-sucedidos. Tal qual o Sport Club Germânia e o São Paulo Athletic Club, outras agremiações passaram por profundas transformações com a emergência do profissionalismo. Antes de ser implementado oficialmente, mais ou menos por volta dos anos 30, já existia uma espécie de profissionalismo oculto ou “profissionalismo marrom”, como se tomou popularmente conhecido. Os clubes, por intermédio de seus dirigentes abnegados – no Grêmio eram designados como próceres, do latim *procere*, “homem importante de uma nação, classe, partido, etc.” –, ofereciam “prêmios” aos atletas; em espécie – “bichos” – ou empregos, incrementando a competitividade entre eles e, por

extensão, entre os clubes (cf. Leite Lopes, 1994).

Diante dessa nova realidade, o futebol, que outrora significara o progresso e a modernidade, tornou-se um incômodo. Enquanto uma prática corporal, sob este aspecto compatível a outras tantas muito valorizadas no interior dos clubes de elite, o futebol não oferecia maiores resistências. Porém, à medida que se popularizava, minava o exclusivismo das elites, pondo abaixo aquela aura de distinção que ele promovera logo que chegou ao Brasil. O incremento da competitividade, que forçava o enfrentamento de clubes de *status* desigual, era outro inconveniente àqueles que até então detinham o monopólio técnico.⁶ Por fim, o futebol arrebatava o espaço e o dinheiro dos clubes e o tempo e as atenções de seus freqüentadores em detrimento de outras atividades, inclusive as ditas “sociais”, que ficavam progressivamente à margem.

O futebol passava de englobado a englobante. O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado para a competitividade entre agremiações e, por extensão, para o acirramento das rivalidades sócio-econômicas, étnicas, locais e regionais. Nesse contexto, muitos clubes barraram o futebol, como foi o caso do Germânia, em São Paulo, e da Sogipa, em Porto Alegre. Outros conciliaram o amadorismo – festas, bailes, esportes amadores, etc. – com o profissionalismo – representado pelo futebol – e, por fim, houve os que se deixaram tomar, quase por completo, pelo futebol. Neste caso, a parte se tornou o todo.

Quando se afirma que o futebol foi recebido no Brasil como um símbolo da modernidade deve-se ter em mente, antes de tudo, que se está referindo à versão amadorística deste esporte, com todas as implicações que isto pressupõe. Do ponto de vista simbólico e, mais especificamente, em termos valorativos, o modelo de sociabilidade face a face entre consócios de *status* equiparado que o futebol contribuiu para solidificar – é bom lembrar, como já frisei anteriormente, que, mesmo no Brasil, tanto o associacionismo quanto a esportivização já haviam dado seus primeiros passos quando da chegada do futebol – foi tão ou mais importante que a prática em si mesma. Por um lado,

os clubes de elite serviram como modelo de organização para outras instituições do mesmo gênero que se desenvolveram paralelamente. Por outro, dada a influência de seus sócios e frequentadores, o futebol galgou rapidamente as colunas sociais na imprensa da época, e isto contribuiu, decisivamente, para quebrar certas resistências em torno de uma prática que ensejava um novo estilo de vida.⁷ O culto ao corpo saudável, à formação do caráter, à juventude, à eugenia, à *civilité* eram alguns dos baluartes do associacionismo, elementos sobre os quais a nova burguesia brasileira buscava se afirmar enquanto classe e modelo de sociedade.⁸

Todavia, a ideologia na qual estava ancorado o modelo de “homem novo” foi paulatinamente colocada à margem. Nem todos os clubes surgidos para o futebol seguiam à risca o ideário das elites. Surgiam novos clubes, como “cogumelos em manhã de outono” – expressão usada por um cronista porto-alegrense para se referir à massificação dos clubes de futebol –, e o enfrentamento entre eles tornar-se-ia inevitável. Como afirma Mário Filho, era preciso seguir “a tendência natural das coisas, cada jogador procurando o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar um” (1964:14). Assim, surgiram clubes formados por moradores do mesmo bairro, de rua, estudantes de um mesmo colégio, vila operária e assim por diante. E não era apenas o frenesi da prática que impulsionava a formação dos clubes-equipes mas, principalmente, a difusão dos ideais associacionistas. Inicialmente vinculado aos imigrantes e às elites nativas, o associacionismo ganhou terreno entre as camadas médias e populares.

O que escreve Frydenberg (1997) sobre a popularização do futebol na Argentina não difere, substancialmente, do que ocorreu no Brasil, especialmente em relação ao que ele denomina de clube-equipe, uma variante dos clubes de elite.

Para ser un footballer fue suficiente ser miembro de un club, y no fue necesario saber jugar al fútbol. Cuando once jóvenes se agrupaban formando un equipo, dedicaban su tiempo en fundar un club, eligiendo su nombre, sus dirigentes, el diseño de su sello, etc. Aquí se

puede apreciar el nacimiento del equipo-club. Un club creado para formar un equipo y poder así competir con otros semejantes en el espacio del fútbol aficionado.

(...) Cuanto más socios, más recursos para engrandecer la institución. La diferencia con los clubes de la elite o de la colonia inglesa fue notable pues estos hicieron de la restricción y selección un valor. Contrariamente, los nuevos clubes debieron ensachar su base social de apoyo como forma de sobrevivir y si fuera posible, crecer (:10).

O impulso competitivo, o desejo de colocar em jogo as diferenças, quaisquer que fossem, converge no incremento dos clubes e na formação de ligas paralelas. A diferença entre os clubes de elite e os também chamados clubes-equipes estava na orientação díspar quanto à aceitação de novos sócios. Enquanto os primeiros optaram pela seleção rigorosa, como um critério de preservar a identidade da instituição e do grupo, os segundos adotaram a perspectiva oposta, que, com o advento do profissionalismo, mostrar-se-ia decisiva quanto à sobrevivência dos próprios clubes. O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir da qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficionados sobrepoem-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite. Nessa perspectiva, a tendência foi a concentração da elite dirigente – que migrou da prática para a administração dos clubes; processo este definido por Elias (1992) como “democratização funcional do futebol” – e até mesmo dos torcedores em torno de um número bastante reduzido de clubes que, no decorrer do processo, constituíram os atuais “grandes clubes” e as “grandes torcidas” do futebol brasileiro.

Tabela 1

Os grandes clubes do futebol brasileiro

(Fontes: Ibope/Placar - 1993; Folha de São Paulo - 28/12/97;
Revista Placar - nov/97; Revista Placar nº 1127-A - set/97)

Clubes	Ranking das Torcidas	Ranking Folha de SP ⁹	Ranking Placar ¹⁰	Ano de fundação
Flamengo - RJ	1º	1º	6º	1895
Corinthians - SP	2º	9º	5º	1910
São Paulo - SP	3º	3º	1º	1935
Vasco - RJ	4º	7º	8º	1898
Fluminense - RJ	5º	6º	12º	1902
Palmeiras - SP	6º	2º	3º	1914
Botafogo - RJ	7º	12º	11º	1904
Atlético - MG	8º	10º	2º	1908
Cruzeiro - MG	9º	8º	9º	1921
Santos - SP	10º	5º	10º	1912
Inter - RS	11º	11º	4º	1909
Grêmio - RS	12º	4º	7º	1903
Bahia - BA	13º	13º	15º	1931
Sport - PE	14º	17º	19º	1905
Santa Cruz - PE	15º	19º	23º	1914

Se fosse possível descrever aqui a trajetória de cada um dos atuais “grandes” do futebol brasileiro, representados na tabela acima, poder-se-ia exemplificar cada uma das ponderações feitas anteriormente. Todos eles enfrentaram, num momento ou noutro, os desafios do processo seletivo, permanecendo no topo dos “rankings” aqueles que melhor se adequaram às transformações decorrentes do processo de popularização e do profissionalismo. O fato deles pertencerem a um circuito fechado – há muito que não ocorre, por exemplo, a ascensão de um concorrente – não é

mero casuísmo. Há uma correlação entre a época de fundação – à exceção do Bahia, 1931, e do São Paulo, 1935, os demais surgiram antes dos anos 30 – e as respectivas performances. Isto não implica concluir que ser antigo, por si só, garanta destaque nos “rankings”. Um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa ou conquistar muitos títulos. Antes, pelo contrário, é justamente porque são “grandes” que seduzem multidões e acumulam troféus. “Grande”, para os torcedores, é, antes de tudo, uma noção da ordem do simbólico: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, “grandes” conflitos, “grandes” tradições, enfim, “grande” excitação. Por isso eles são chamados de “clubes do coração” e datam, a maioria deles, da época do amadorismo. Com o advento do profissionalismo, ocorrido por volta dos anos 30, houve uma derrocada dos valores do amadorismo que, pouco a pouco, perdeu a conotação prestigiosa do início do século e tornou-se sinônimo de pobreza, despreparo e falência. “Amadores” tomar-se-ia, cada vez mais, um predicativo exclusivo dos torcedores.

1.2. Os clubes de fábrica

Se, desde as *Public Schools*, o futebol havia se tornado “um meio de ocupar a menor custo” o tempo dos internos – “quando os alunos estão no campo de esportes é fácil vigiá-los, [pois] dedicam-se a uma atividade ‘sadia’ e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores” (Bourdieu, 1983:146) –, o mesmo vale em relação ao lazer dos trabalhadores no interior dos clubes de fábrica.

O The Bangu Athletic Club constitui o exemplo clássico de um clube de fábrica. Diferentemente dos seletos The Payssandu Cricket Club, fundado entre 1880 e 1886, e do Rio Cricket and Athletic Association, extinto quando os ingleses retornaram ao seu país de origem para combater na I Grande Guerra, o Bangu não era restrito aos ingleses e/ou à elite do Rio de Janeiro. Desde

sua fundação, em 1904, o Bangu contou com a presença de outros imigrantes europeus e até mesmo de brasileiros, desde que funcionários da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil. Situada no bairro de Bangu, esta companhia, administrada por ingleses, não apenas admitia como incentivava a participação de seus funcionários no time da fábrica. Num exemplo que seria seguido por outras grandes empresas – como a Light & Power, em São Paulo, já na década de trinta (cf. Antunes, 1996); a Companhia Carbonífera, em Criciúma, na década de sessenta (cf. Silva Jr., 1996); a A. J. Renner, em Porto Alegre, entre as décadas de 40 e 60 (cf. Dienstmann, 1987); e outras tantas espalhadas por quase todas as grandes cidades brasileiras –, criava-se uma modalidade de clube que contribuiria em larga escala para a popularização do futebol e dos respectivos clubes no Brasil.

Enquanto os ingleses da Companhia Progresso mantiveram para si o exclusivismo do *cricket* e os executivos da Light & Power inclinavam-se mais para o tênis, o xadrez e o remo, entre outros, o futebol se consolidou como o esporte da preferência popular. Além de aumentar o prestígio das empresas, entre seus próprios empregados e a população das vilas ou bairros operários, o futebol cumpria outras funções igualmente desejadas pelos industriais. Motivação no trabalho e controle do lazer constituíam-se um ganho secundário que compensava os gastos com campo, fardamento, “faltas justificadas”, “bichos”, etc.

Outro ganho secundário dos patrões tinha a ver com a correlação inversamente proporcional entre a mobilização esportiva e a organização sindical. No que se refere à disputa pelo tempo livre dos trabalhadores, uma luta *tête-à-tête* entre a classe patronal e os sindicalistas, o futebol constituía-se numa arma poderosíssima; aos primeiros, evidentemente. Os incentivos deliberados para a prática e fruição esportiva provocavam a ira dos sindicalistas, cujas assembléias tinham seu quorum diminuído na mesma proporção que aumentavam as aglomerações em torno do campo. Anarquistas e comunistas perceberam o futebol, desde logo, como um esporte burguês, “poderoso ópio capaz de minar a união e a organização de classe” (Antunes, 1994:106).

Tanto a condenação do esporte por parte dos sindicalistas quanto os ganhos secundários dos empregadores precisam ser relativizados. É assim que procede Leite Lopes (1992), quando problematiza esta questão a partir da trajetória de Garrincha, fichado aos quatorze anos na Companhia América Fabril, sediada em Pau Grande, região serrana do Rio de Janeiro.

Ainda que a imagem que o público faz das origens de Garrincha não corresponda à de um operário, mas sim de um camponês ou de um (bom) vagabundo, sua juventude foi de fato a de um operário do setor têxtil, nascido em uma família que habitava uma vila operária em meio rural. Tais informações parecem importantes para elucidar os "mistérios" de seu futebol livre e imprevisível. Estes podem, realmente, ser eficazmente relacionados com os mistérios da vida social cotidiana do grupo operário de onde ele proveio, pois um dos enigmas próprios aos trabalhadores habitantes dessas cidades "paternalistas" com caráter de "instituição total" é que, ao olharmos de mais perto, descobrimos terem eles uma certa mobilidade, indisciplina e "liberdade", que se exercia no próprio interior desse modo de dominação patronal que, além de sua produção industrial, controlava toda a sua vida social. Até mesmo dentro da fábrica, uma certa indisciplina e uma "cultura de oficina" podem desenvolver-se, parecendo quase indispensáveis para a boa gestão da produção. Além disso, graças à exploração autônoma de recursos oferecidos pela empresa (...), esses operários, geralmente de origem camponesa, beneficiavam-se de condições de vida mais favoráveis do que poderíamos presumir, tendo em vista apenas os seus empregos industriais. Outras estruturas ainda estavam à sua disposição, como assistência médica, associações religiosas, grupos folclóricos e essa instituição urbana que é o clube de futebol (:125-6).

Para os operários e a comunidade forjada a partir das fábricas, a oferta de lazer em geral e do futebol em particular era extremamente valorizada. Os clubes de fábrica estabeleciam uma relação de parceria com esses novos aglomerados urbanos, em

grande parte constituídos por imigrantes camponeses, cumprindo um importante papel de coesão e produção de identidades sociais. Se de Pau Grande não tivesse surgido Garrincha, provavelmente a fábrica – desativada na década de sessenta –, o clube da América Fabril e a própria vila operária não fariam parte de um dos capítulos mais apaixonantes da história do nosso futebol. Antes de ser levado para o Botafogo, em 1953, Garrincha vestia a camisa 10 do Sport Club Pau Grande, imprimindo sucessivas goleadas nos demais clubes amadores da região. Graças ao seu “capital futebolístico”, Garrincha tinha assegurado um emprego na América Fabril. Displicente e faltoso, chegou a ser demitido durante duas semanas. Não mais, pois não sendo funcionário não poderia jogar no Pau Grande e este, por seu turno, não era o mesmo sem Garrincha.

O sucesso dos clubes de fábrica se estendeu, no plano genérico, até a “euforia” dos anos 1950-64, “relativamente mais favoráveis às classes populares no plano econômico, político e das liberdades públicas” (Leite Lopes, 1992:133), e, no plano futebolístico, com a transição, mais ou menos lenta em diferentes estados brasileiros, do amadorismo para o profissionalismo.¹¹ À medida que o “passe” e o salário dos jogadores foram, progressivamente, atingindo cifras incompatíveis com a possibilidade das empresas, e até mesmo em razão da nacionalização das disputas, os clubes de fábrica perderam espaço e a maioria deles desapareceu, em alguns casos paralelamente às fábricas, como no caso do Sport Club Pau Grande. Outros, como o Bangu e o Renner, ainda existem, mas sobrevivem a duras penas. O Bangu ainda participa da primeira divisão carioca, enquanto o Renner, campeão Gaúcho de 1954, teve que juntar-se ao São José, também de Porto Alegre, para figurar na “Série B” do Campeonato Gaúcho.

A derrocada dos clubes de fábrica deixou “órfão” um grande contingente de torcedores. O drama só não foi maior porque boa parte desses torcedores já havia migrado para os grandes clubes simultaneamente com seus ídolos. Neste particular, a trajetória de Garrincha mostra-se, mais uma vez, paradigmática. Na sua estréia, em 1953, contra o Bonsucesso, Garrincha marcou três vezes. A

cada gol dirigia-se para o mesmo setor das arquibancadas e levantava os braços, sem que os demais torcedores compreendessem as razões pelas quais a cena se repetia.

Terminado o jogo, dirigentes e torcedores viram-no sair de campo nos ombros de dois jovens negros [Pincel e Swing] que gritavam "Garrincha!" e que vibravam como se ele tivesse derrotado (...) o escrete uruguaio. À saída do estádio, sempre com Garrincha nos ombros, os dois se juntaram a um cortejo que desfilou fazendo carnaval pelas ruas perto do estádio. (...) Uma caravana empoleirara trinta pau-grandenses num caminhão e passara o jogo inteiro gritando o seu nome. Ao fim da partida, depois de carregado em triunfo pelas ruas ao redor do estádio, Garrincha também se aboletou na caçamba do caminhão e voltaram todos para Pau Grande, soltando foguetes pela estrada e bebendo pinga pelo gargalo. A chegada a Pau Grande foi uma apoteose. O caminhão trazendo Garrincha foi recebido com novo foguetório, estourado pelo povo da cidade assim que ele despontou na curva. (...) A cena repetiu-se muitas vezes: à saída do jogo, em qualquer estádio, era infalível ver um ou dois caminhões de Pau Grande regurgitando de gente, com Garrincha de pé na caçamba, precariamente equilibrado, voltando vitorioso - ou não - para sua cidade.

(Castro, 1995:70-1)

Os vínculos com a vila operária e, principalmente, com o *ethos* desses trabalhadores, jamais foram superados por Garrincha. Teve uma vida tumultuada, marcada por inúmeras tragédias pessoais e familiares fora de campo, mas nem por isso deixou de ser a "alegria do povo". Seu ritual fúnebre revelou, de uma vez por todas, segundo interpretação de Leite Lopes, a profunda identificação entre Garrincha e "uma certa classe operária, a das vilas operárias tradicionais" (1994:134).

Esta identificação projetada num jogador, como no caso de Garrincha, ou num clube, como os clubes de fábrica, não desapareceu com a morte do primeiro ou a derrocada dos últimos;

foi apenas deslocada para aqueles que, num primeiro momento se caracterizaram como clubes de elite e, com o passar dos anos, foram-se popularizando. Os clubes de fábrica deixaram importante contribuição para as próprias classes trabalhadoras, demonstrando, através das performances irregulares, que se ganha ou se perde mas se permanece num mesmo lugar. Contribuíram também para a coesão social nos bairros e vilas operárias e para a consolidação, no âmbito do pertencimento clubístico, de uma série de valores morais, entre os quais se inclui a noção de fidelidade ao clube pelo qual se torce, especialmente quando este clube, como no caso dos clubes de fábrica, representava não apenas a patronagem mas, fundamentalmente, a ascensão do operariado. Por isso Garrincha era exibido como um troféu e, sempre que possível, levado de volta a Pau Grande para festejar com os seus. Morreu tragicamente em 1983 e foi enterrado na vila operária onde nasceu e aprendeu a jogar futebol.

1.3. As “Peladas”: um contraponto

A distinção aqui esboçada entre os clubes de elite e os clubes de fábrica deve ser entendida, antes de mais nada, como uma tentativa de agrupar diferentes modalidades de prática e fruição do futebol a partir de critérios analíticos. Sendo assim, convém esclarecer que, do ponto de vista dos futebolistas e torcedores, as distinções sugeridas certamente não se apresentam tão nítidas como eu as apresentei. A mobilidade dos jogadores, como no caso de Garrincha, que iniciou sua carreira no “profissionalismo marrom” de um clube de fábrica e mais tarde se transferiu para o profissionalismo “oficial”, no Botafogo, demonstra o quanto estas instituições estão interligadas. Só que, antes mesmo de entrar para a Companhia América Fabril, Garrincha – e o mesmo pode ser dito de quase todos os atletas profissionais daquela época – jogava futebol com seus amigos de infância; era, como se diz no jargão futebolístico, um “peladeiro”.

A “pelada”, que Guedes (1982) caracteriza como a

“instituição zero” do futebol, é, indiscutivelmente, o ponto de partida para o aprendizado das técnicas futebolísticas, especialmente no caso brasileiro onde a “rua” é tão ou mais importante do que a escola – ou outras instituições do gênero – na socialização dos meninos (cf. DaMatta, 1982). Segundo Rosenfeld (1993), o termo “pelada” surgiu tendo como referência os campos de subúrbio, “improvisados, sem grama, de chão batido”, o oposto dos *fields* ou *grounds* da elite. Embora os terrenos baldios e os campos de várzea tenham sido deslocados para a periferia das cidades ou simplesmente desaparecido, em razão da especulação imobiliária, as “peladas” e seu público, constituído, em sua maioria, pelas classes trabalhadoras, têm resistido bravamente, recriando, na periferia, um espaço destinado ao lazer e à sociabilidade. A este espaço físico que corresponde a uma determinada rede de sociabilidade, Magnani (1982; 1996) denomina “pedaço”:

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (1996:32).

É nos pedaços e através das “peladas” que grande parte dos brasileiros aprendem a jogar futebol, especialmente aqueles para quem é vedado o acesso às instituições formais – clubes, escolinhas, etc. –, até mesmo por razões de ordem econômica. Além do domínio das técnicas corporais propriamente ditas, na conotação que Mauss (1974) atribui ao termo, nas peladas são aprendidos certos códigos, valores e atitudes que dizem respeito à sociabilidade e ao conflito dentro e fora do grupo, do time e do pedaço. A principal diferença das peladas em relação ao futebol “oficial”, que é também a diferença entre o pedaço e os clubes, está na forma como são mediados os conflitos. Enquanto nos clubes se aprende a respeitar as regras oficiais, o juiz e o professor, nas peladas se aprende a estabelecer parâmetros éticos *ad hoc* e a conviver com estes códigos instáveis, pois em geral a figura do mediador inexistente, ou melhor, são os próprios jogadores

que desempenham este papel. Portanto, não há nas peladas um código disciplinar fixo e tampouco dispositivos para punir, *a posteriori*, uma jogada violenta, por exemplo. Não há sequer parâmetros preestabelecidos, como nas regras oficiais, para se determinar se uma jogada mais brusca é, de fato, desleal e como tal sujeita ao revide, ou se deve ser admitida consensualmente entre os praticantes. Por tudo isso, a pelada se constitui num espaço privilegiado não apenas para a prática do lazer em geral e do futebol em especial, mas como “instituição” laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal.¹²

Dizer que as peladas contribuíram decisivamente no processo de popularização do futebol no Brasil torna-se uma obviedade; é preciso dizer como. Por um lado, sempre existiu uma relação de complementaridade entre o futebol das peladas e aquele trazido por Charles Miller. Há quem atribua às peladas a constituição do “estilo brasileiro de jogar futebol”. Independente desta afirmação ser ou não procedente, o certo é que as peladas foram, por muito tempo, um “celeiro de craques” e o ponto de partida para a fundação de clubes, especialmente daqueles que competem nas ligas amadoras. De outro lado, as peladas, à medida que praticadas em larga escala, contribuíram e ainda contribuem na formação de jogadores¹³ que cedo ou tarde formarão o público torcedor, indispensável à sobrevivência dos atuais “grandes” do futebol brasileiro.

2. Os clubes de futebol e os dilemas nacionais

Tenho insistido até aqui no resgate da historicidade dos clubes. Porém, é preciso retomar algo já enunciado no princípio deste ensaio. Para os torcedores, a história dos clubes lhes interessa à medida que eles próprios figuram como partícipes. O comportamento dos torcedores em relação aos símbolos que os identificam com os clubes e a estrutura política-administrativa destes últimos, sugerem um paralelo entre a representação êmica de “nação” e a categoria analítica nações-Estado.¹⁴

Neste caso, a definição de nação enquanto “comunidade de sentimento”, suscitada por Weber (1974), é muito útil para se pensar o universo do futebol. Embora tendendo à constituição de um Estado próprio, com fins específicos de autoproteção, há outros aspectos da noção weberiana que, uma vez deslocados do Estado propriamente dito, justificam a apropriação. O conceito de nação,

num certo sentido, (...) significa, acima de tudo, que podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores. Não obstante, não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação concertada deve resultar dessa solidariedade.

(Weber, 1974:202)

A partir deste alargamento conceitual, é possível identificar pelo menos quatro premissas genéricas que podem ser remetidas ao contexto futebolístico, quais sejam: a idéia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física/violência simbólica); a segmentação e fluidez grupais (Torcidas Organizadas/“outros” torcedores); e as disputas em torno de valores (“raça”, “classe social”, etc.).

Um exemplo claro de como essas quatro premissas estão articuladas na “comunidade de sentimento” e no contexto do pertencimento clubístico pode ser encontrado nos enfrentamentos simbólicos, e não raro corpo a corpo, de torcedores identificados com clubes rivais, ou ainda entre torcedores e cidadãos não-torcedores.

Com frequência os indivíduos, na pessoa de torcedores, hostilizam os indivíduos não-torcedores, cidadãos alheios à totalidade imposta pela vontade geral instituída pelos torcedores (na torcida vale o todo e não o indivíduo). Não é raro não-torcedores serem execrados (como perdedores) por grupos torcedores, como se não tivessem a opção individual de não pertencerem a nenhuma associação de torcedores, à estrutura segmentar,

hierárquica e relacional estabelecida pela estrutura do jogo. Este fato explica porque as abordagens e hostilidades geralmente ocorrem entre grupos de torcedores contra indivíduos isolados. Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, é raro configurar-se este estado de ânimo alterado observado quando estão em grupo. Sozinhos, rompem o sentimento de pertença e retornam ao anonimato da individualidade. Cessam os xingamentos e as provocações.

(Toledo, 1993:26-7)

A passagem de indivíduo a pessoa instaura a “comunidade de sentimento”, um estado de ânimo alterado, como sugere Toledo, a partir do qual um indivíduo passa a integrar uma totalidade que o engloba e a desempenhar determinados papéis, em geral preestabelecidos, como o de dirigente, membro de torcidas organizadas, torcedor-símbolo e assim por diante. Aquém dessa totalidade, a noção de pessoa – espécie de máscara que transforma um indivíduo em torcedor, muito bem simbolizada pelo uso das cores do “clube do coração”, especialmente da camisa – torna-se desprovida de sentido. Em outras palavras, a “comunidade de sentimento” é, a um só tempo, o suporte e a manifestação mais eloqüente do pertencimento clubístico.

A noção de “comunidade de sentimento” pode ser complementada por outra, a de “comunidade imaginada”, enunciada por Anderson (1989) e já apropriada para o contexto futebolístico por Souza (1996).

(...) no futebol brasileiro, as torcidas possuem características de (micro-) nações. (...) São limitadas, pois também existem outras, além das “fronteiras clubísticas”, de bairros, de cidades, de municípios, de Estados, de regiões ou de Nações. Isto significa que as torcidas de futebol, onde quer que apareçam, serão sempre relacionadas com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro. As torcidas são também imaginadas. Um torcedor de futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da

*qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas **imagina-os** como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão. Por fim, as torcidas são **comunidades**, pois são concebidas como profunda e horizontal camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas (:45).*

Depois do exposto, creio justificada a afirmação de que os clubes, do ponto de vista dos torcedores, possuem uma existência virtual que, na maioria das vezes, se sobrepõe à existência real. O Inter, por exemplo, tinha uma torcida estimada em pouco mais de 4,5 milhões de colorados em 1993, mas, nos últimos dez anos, nunca ultrapassou os 10 mil associados. Considerando-se ainda que a grande maioria dos 4,5 milhões de colorados nunca viu seu “time do coração” jogar “ao vivo”, e nem por isso se consideram menos apaixonados, convém uma indagação: que espécie de pertencimento é este? Afinal, o que desperta tanto fascínio no “clube do coração”?

O mote levistraussiano, forjado a partir do estudo estrutural do totemismo (Lévi-Strauss, 1975), não esgota as questões precedentes mas fornece algumas pistas. “Bons para torcer, bons para se pensar” não é uma transposição de “bons para comer, bons para se pensar”; e, ao apropriar-me desta formulação, não estou adotando daqui por diante uma perspectiva estruturalista nos termos do mestre francês e tampouco pretendendo aproximar diferentes modelos de sociedades. Pretendo, isto sim, sugerir uma hipótese genérica segundo a qual os clubes de futebol, especialmente o “grupo dos 13”, constituem-se numa espécie de “categorias do entendimento” para aquela parcela de brasileiros que se diz apaixonada pelos “clubes do coração”.

O “ser gremista”, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. A paixão pelo Grêmio implica também na aversão ao Internacional. Nesta perspectiva, dizer-se gremista é, mesmo que veladamente, dizer-se anti-colorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante. De outra parte, os clubes são associados a categorias do social. As rivalidades, por exemplo, giram em torno de sentimentos vinculados a “grupos primordiais, aqueles em que nascemos, quer se concentrem na língua, costume, religião, raça,

tribo, etnia ou lugar” (Lever, 1983:26). E o mais impressionante é que um único destes “sentimentos primordiais” é capaz de segmentar duas extensas comunidades simultaneamente coesas em si mesmas e rivais entre si. Não por acaso, o Grêmio é identificado como um “clube de elite”, enquanto o Inter é tido como o “clube do povo”. É claro que as identidades clubísticas não se resumem a identificações desta ordem, mas não há como negligenciar que tais associações têm muito a ver com o contexto mais amplo da sociedade. Ou seria mera coincidência o fato dos clubes brasileiros, em geral, estarem vinculados às noções êmicas de “raça” e “classe social”?

No futebol brasileiro todo clube tem seu “outro”, seu “contrário”. É assim em Porto Alegre, com o Gre-Nal; na Bahia, com o Ba-Vi; em Pelotas, com o Bra-Pei; e até em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde existem mais de dois “grandes”, predominam as rivalidades entre Corinthians *versus* Palmeiras e Flamengo *versus* Fluminense, respectivamente. Outro dado importante é que as maiores rivalidades são entre clubes locais, da mesma cidade, e isto se deve, em parte, ao fato dessas rivalidades terem se constituído num período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, sob a égide do amadorismo.

Para muitos torcedores, cronistas esportivos e até mesmo pesquisadores, essas rivalidades tiveram origem no contexto de fundação dos clubes; o exemplo do Flamengo, surgido a partir de uma debandada de atletas do Fluminense, é um dos mais recorrentes. Sem negar a procedência desta explicação, é preciso indagar, contudo, as razões pelas quais tais rivalidades, partindo de disputas muitas vezes restritas a um grupo reduzido de praticantes, assumiram os contornos atuais.

Parte desta resposta encontra-se na própria dinâmica dos esportes coletivos. A partir desta dinâmica, Elias e Dunning (1992) desenvolveram a noção de configuração, “um complexo de polaridades interdependentes criadas no padrão de jogo” (:293), e estenderam-na ao comportamento dos torcedores. Como a existência de dois grupos antagonistas é condição necessária à realização de uma partida de futebol, Elias e Dunning acreditam

que a dinâmica dos torcedores segue a mesma lógica. Isto não significa que a ação dos torcedores seja uma simples reação, uma consequência daquilo que se passa dentro de campo, mas enquanto grupos *ad hoc*, identificados com a disputa, suas ações tendo como horizonte mais próximo o desenrolar do jogo e o comportamento dos torcedores oponentes.

Na verdade, o comportamento antagônico, seja dos times ou dos torcedores, não é uma exclusividade do futebol. Trata-se de um componente estrutural do próprio jogo, entendido como um ritual disjuntivo, e que só pode ser apreendido em sua totalidade.

Diferente do que ocorre nos rituais das sociedades pré-industriais e nas sociedades primitivas, onde a lógica do ritual separa de antemão os envolvidos (iniciados e não-iniciados), para num momento posterior promover a união, junção em uma só categoria ou classe (todos iniciados), inversamente o jogo parte de uma situação de igualdade (...) e, ao final de seu desenvolvimento, promove uma cisão, uma diferenciação entre perdedores e ganhadores. De uma simetria pré-ordenada em virtude da isonomia das regras entre os participantes chega-se a uma assimetria engendrada pelas contingências do acaso, talento, circunstâncias outras, que levam alguns a ganharem e outros a perderem.

(Lévi-Strauss in: Toledo, 1995:134)

Afinal, o que se ganha ou se perde com o futebol? Com a profissionalização e o incremento mercadológico, o resultado de um jogo pode implicar em ganhos e perdas reais. Do camelô ao cambista e dos jogadores aos patrocinadores, uma quantidade significativa de pessoas dependem economicamente do futebol e, para estes, vitórias e derrotas são mensuráveis à medida que envolvem dinheiro e, não raro, apenas isto. Entretanto, para os torcedores, ganhos e perdas são preponderantemente simbólicos.

Como “cada jogo é um jogo”, diz um adágio popular, a cada evento são “jogados”, do ponto de vista dos torcedores, códigos, valores e atitudes de acordo com a peculiaridade dos clubes

envolvidos no confronto. A trajetória pregressa de cada um deles, do confronto entre eles e as implicações mais imediatas que o resultado do embate pode acarretar constituem os elementos mais significativos a serem mobilizados pelo que caracterizarei como a dialética da temporalidade do evento e da tradição.

Na “temporalidade do evento”, ou seja, no ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de “bola rolando”, destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico. Não é, contudo, uma temporalidade linear. O gol, por exemplo, engendra o contraste e a ruptura dentro da própria temporalidade do ritual. A ruptura temporal, uma espécie de fissura na fissura, pois o tempo do jogo já é um tempo diferenciado do cotidiano, transcende seu significado mais imediato. Encerra, seguindo Ricoeur (s/d), um “excesso de sentido”, próprio da fugacidade do evento e da emoção a ele associada. Ou ainda, de acordo com Bachelard (1988), trata-se de um tempo “espesso”, “vertical”, marcado mais pela sua “riqueza e densidade” e menos pela “duração”.

A “temporalidade da tradição” não deve ser confundida com a memória coletiva e tampouco com a história dos clubes, seja “oficial” ou não, mas está intimamente ligada a estas duas. A “temporalidade da tradição” agrega a tradição - a “tradição do Fla-Flu”, por exemplo, que resulta de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico - a um tempo que não é o tempo do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, onde se “discute futebol”. Nesse tempo é que circulam as anedotas, os mitos, enfim, é onde se inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico. Sem a dialética do evento e da tradição o futebol seria apenas uma seqüência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual, e tampouco disjuntivo, pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo.

Tanto a briga de gaios quanto uma partida de futebol podem ser apreciadas simplesmente pelo espetáculo que gaios e jogadores podem proporcionar; basta que se entenda um pouco de rinha e de futebol. Mas serão mais espetaculares ainda se se puder identificar

o *status*, a história e a tradição aos quais gaios e jogadores “pertencem”. Nesta perspectiva, a temporalidade do evento e da tradição constituem a força motriz da dinâmica de grupo de um jogo de futebol. Enquanto a temporalidade do evento depende, em grande parte, do equilíbrio e do empenho entre as equipes envolvidas no confronto, a temporalidade da tradição está permeada por simbolismos que vão desde as categorias sociais e culturais que os clubes são capazes de representar e confrontar até a intensidade com que os torcedores se identificam com tais categorias; ou seja, isto pressupõe um mínimo de conhecimento prévio da trajetória progressiva do seu “clube do coração” e do adversário. Assim, um jogo poderá ser excitante mesmo que tecnicamente fraco, basta que a tradição lhe assegure uma posição de destaque; o inverso também é verdadeiro. Mas, é quando ambas as temporalidades se sobrepõem com vigor e intensidade que o jogo se torna verdadeiramente absorvente; “inesquecível”, como dizem os torcedores.

Parafraseando Lévi-Strauss, disse que os clubes são bons para torcer e bons para se pensar. Acrescento, enquanto é tempo, que eles são bons também para se compreender não apenas a dinâmica futebolística, mas uma série conflitos sociais.

O futebol tem seus próprios dilemas e há, inclusive, fóruns especializados e *experts* no assunto. Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessam, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias. De maneira geral, o futebol não cria fatos novos, apenas permite que sejam veiculados através dele questões mais gerais, inicialmente forjadas em outras esferas da vida social. Assim, ao invés de repetir o velho chavão de que o Brasil é o “País do futebol”, seria mais interessante pensar que os brasileiros se expressam por meio dele e, por isso mesmo, tomaram-no uma instituição popular. Argentina, Itália, Espanha, entre outros, também poderiam ser considerados “Países do futebol”; as regras são as mesmas e o gosto por este esporte não é exclusividade nossa. Os contornos são parecidos, mas o recheio é diferente. Pode-se até apreciar o futebol dos “outros” como espetáculo, é linguagem universal. Mas há coisas que só o futebol brasileiro

pode fazer: dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante.

O futebol é uma linguagem e, acrescentaria, uma linguagem coletiva. É bom lembrar, entretanto, que, mesmo sendo coletiva, esta linguagem é motivada, e isto implica dizer que não se expressa qualquer coisa, mas algo significativo, de algum lugar e pressupondo a existência de um interlocutor, em geral também coletivo. Não por acaso os torcedores se pensam como *nação*, enquanto uma comunidade que os engloba e mantém coesos, especialmente pelo fato de existirem outras “nações” e estarem, permanentemente, mobilizados para o confronto, na maioria das vezes apenas verbal.

De certo modo, a nação-clubes de futebol reforça as diferenças já existentes em outras esferas da vida social. A questão econômica, por exemplo, segmenta o público nos estádios e, não raro, priva uma parcela significativa de torcedores do acesso aos jogos. Como afirma Geertz (1989) em relação à briga de galos em Bali, também o futebol não altera a posição e muito menos a condição de classe dos torcedores. O que faz, e muito bem, é dramatizá-las, permitindo a todos experimentar o triunfo da vitória.

Poder-se-ia, então, pensar como DaMatta (1994), afirmando que “o futebol nos dá uma potente lição de democracia (...), pois proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e justiça social” (:17). Só que a “aula de democracia e justiça social” tem um alcance limitado, circunscrito ao espaço-tempo do jogo. Quando acaba o ritual disjuntivo tudo volta a ser como antes e, como dizem os próprios torcedores, “futebol não enche a barriga de ninguém”. A “aula de democracia” deve, portanto, ser considerada como tal e, ao que parece, não há “dever de casa”. Em um século, ainda está para acontecer uma transformação na sociedade brasileira desencadeada pelo futebol. Alguém poderia afirmar, por exemplo, que os maiores ídolos do nosso futebol são negros. Correto, mas quantos técnicos e dirigentes negros teve o Brasil?

Ao invés de supor que os torcedores se dão por satisfeitos com a “experiência” que a “aula de democracia” lhes proporciona,

seria mais interessante pensar que a “aula de democracia” assegura-lhes, pelo menos, o direito de expressar seus sentimentos e serem ouvidos, vistos, enfim, notados. Talvez porque não existam outros fóruns para tal, ou porque tais sentimentos tenham de ser expressos de uma maneira tal que só o futebol permite, à medida que faz a “seriedade” passar-se por “brincadeira”. Nesta perspectiva, as rivalidades clubísticas brasileiras, em geral associadas às questões de “classe social”, “raça” e “regionalismo”, não teriam sido escolhidas arbitrariamente. A “aula de democracia” é antes de tudo um fórum polêmico e, sob este aspecto, faz crer que tais questões são conflituosas no contexto onde são suscitadas.

A experiência do êxito e do fracasso pode ser vivenciada também no vôlei, no basquete, no jogo de cartas, enfim, ganhar e perder “faz parte do jogo”. Contudo, apenas o futebol está fortemente vinculado às categorias mais amplas da sociedade brasileira, e o longo processo de formação destes vínculos, em que os clubes e o pertencimento a eles devotado tiveram um papel decisivo, ocorreu simultaneamente à sua popularização; à construção de múltiplas identidades, de acordo com a diversidade sociocultural da nação brasileira.

Notas

* Sou Licenciado em Educação Física pela UFRGS e Mestre em Antropologia Social pela mesma Instituição. Este artigo foi adequado para publicação a partir da minha dissertação (Damo, 1998).

¹ Para aprofundar a diferença entre razão instrumental e razão simbólica cf. Sahlins (1979).

² Uma pesquisa sobre as marcas mais lembradas pelos consumidores, realizada no Rio Grande do Sul em 1997 e publicada na revista “Amanhã” (nº 118, abril/1997), revelaram alguns dados que vêm ao encontro das afirmações precedentes. Diante da pergunta do entrevistador, “Quando eu falo em time de futebol, que marca lhe vem à cabeça?”, apenas 1,5% dos adultos “não responderam” ou “não souberam” informar; índice superado apenas pelo item “cerveja”, 0,9%. O dado é revelador, pois na “Top of Mind” e na “Top Kids” foram ouvidas pessoas de ambos os

sexos. Os dados revelados pela "Top Kids" são ainda mais impressionantes: nenhum (a) dos (as) entrevistados (as) se furtou à resposta quando perguntado (a) sobre "time de futebol". O índice dos que "não sabiam" ou "não responderam" foi zero, superando inclusive os itens "refrigerante", 4,7%; "chocolate", 7,3%; e "programa de TV", 8,7%. Resumindo, os clubes ou times - por hora esta distinção não importa - estão na "cabeça" dos gaúchos e não há razões para crer que estes dados sofreriam alterações substanciais se a pesquisa contemplasse todo o território brasileiro.

³ Ainda segundo Levine, os períodos subseqüentes e suas respectivas caracterizações seriam os seguintes: 1905-33, sua fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores; 1933-1950, o período inicial do profissionalismo; e a fase após 1950, de reconhecimento de nível internacional, acompanhada por comercialização sofisticada e por maturidade como recurso nacional incontestável (:23).

⁴ Esses "grandes" clubes tiveram vida curta para o futebol. O São Paulo Athletic Club, fundado pela comunidade britânica, chegou a ser tricampeão da cidade entre 1902 e 1904. Em 1911, o São Paulo A. C. (nada a ver com o atual São Paulo Futebol Clube) seria novamente campeão da cidade, mas, desta vez, "ganhou mas não levou". A Associação Atlética das Palmeiras (nada a ver com a atual Sociedade Esportiva Palmeiras), julgando-se prejudicada pela arbitragem, tentou impedir que o São Paulo ficasse com o troféu. Indignados, os são-paulinos abandonaram o futebol, "não apenas por causa da bagunça, mas também porque os ventos sopravam para o profissionalismo" (John Robert Mills, diretor e historiador do São Paulo A. C.). A Associação Athletica do Mackenzie College, restrita aos alunos do colégio homônimo, também desapareceu do futebol antes mesmo da década de dez. O Sport Club Internacional surgiu de uma dissidência do Hans Nobiling Team, quando seu idealizador, Hans Nobiling, decidiu transformar o *team* num *club* e dar-lhe o nome de Germânia. Os que não eram alemães - brasileiros, franceses, italianos, etc. - não consentiram e deixaram que Hans Nobiling fundasse o Germânia, em 1899, enquanto eles fundaram o Internacional. O Sport Club Germânia abandonou o futebol em 1917, por ocasião da 1ª Guerra Mundial, e desde então passou a se chamar Pinheiros, que ainda hoje figura entre os mais conceituados clubes sociais de São Paulo. Por fim, o Club Athletico Paulistano, fundado para a prática do ciclismo, em 1900, foi o que teve, entre todos, mais glórias futebolísticas. Mesmo assim, abandonou o futebol com o profissionalismo, por volta dos anos trinta.

⁵ “(...) Quem era do remo olhava quem era do futebol por cima. Julgando-se superior, mais fino. (...) Em dia de regata não havia jogo. Nenhum clube, nem o Fluminense, nem o Botafogo se atrevia a marcar um jogo para o mesmo dia, a mesma hora. Talvez os torcedores sem colarinho e gravata fossem. Era quase certo, porém, que as arquibancadas ficassem vazias. Pelo menos de moças. Enquanto isso, a murada da praia de Botafogo cheia (...). E as moças ficavam em pé, um instante, segurando os chapéus enormes, de flores, de frutas, de plumas, para ver a chegada das regatas (...)” (Mário Filho, 1964: 27).

⁶ O seletor Rio Cricket and Athletic Association, por exemplo, abandonou o futebol em 1915, depois de ter sido o último colocado no campeonato daquele ano e, como exigia o regulamento, foi obrigado a disputar um jogo extra para ver se permanecia entre os “grandes” no ano seguinte. O “tiro de misericórdia” foi obra do Andarai, um modesto clube de fábrica que contava com vários negros na equipe. Como escreveu Mário Filho, “não tinha graça inglês apanhar de preto” e, sendo assim, o Rio Cricket encerrou suas atividades (1964:82). Outro caso conflituoso frequentemente citado na literatura especializada refere-se à expulsão do Vasco da Gama da Liga Oficial depois de ter vencido o Campeonato de 1923. Como a base do time era composta por negros, o Vasco foi acusado de burlar as regras do amadorismo, por aliciar e recompensar economicamente seus atletas, só retornando à primeira divisão depois de concluído o Estádio de São Januário, na época o maior estádio privado do Brasil (cf. Leite Lopes, 1994).

⁷ Se, por um lado, o futebol e outros esportes provocaram transformações profundas nos costumes da população mais jovem, seja no vestuário, na maneira de andar, nos cuidados com o corpo e no lazer de fim de semana, por outro, o “espírito esportivo”, em especial o futebol, despertava a ira não apenas dos moralistas e conservadores, mas também de parte da intelectualidade brasileira, intransigente em relação à imitação dos costumes europeus. Sobre as transformações engendradas pelo espírito esportivo nos anos vinte, em São Paulo, (Sevcenko, 1992). Para uma abordagem contextualizada do repúdio à importação dos costumes europeus, especialmente nos casos de Lima Barreto e Graciliano Ramos, cf. Rodrigues Filho (1995) e Toledo (1996b).

⁸ Qualquer semelhança com o discurso médico-higienista, o darwinismo social e a teoria racial não são meras coincidências. Isto aparece, claramente, numa das estrofes do hino do Fluminense, em meados da década de dez - A glória aqui não é pessoal/Quem vence em campo é o Fluminense/Que é como a pátria, um ser ideal/Assim nas justas se congraça/Em torno de um ideal viril/A gente moça, a nova raça/Do nosso

Brasil - e, mais tarde, em 1946, num pronunciamento do então presidente do Conselho Deliberativo do Grêmio. "O Credo do bom gremista", também conhecido como a oração do Dr. Py, diz em uma de suas estrofes: "Creio no Grêmio porque, procurando integrar a fórmula do MENS SANA IN CORPORE SANO, ele batalha para a formação física e mental do homem para as lutas da vida". E mais adiante: "Creio no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro." Por fim, afirma o Dr. Py: "Penso que todos os clubes deveriam tomar como lema a máxima da filosofia comteana que reza: "AMOR POR PRINCÍPIO, ORDEM POR BASE E PROGRESSO POR FIM." (Mosqueteiro, nº 1; ano 1:2).

⁹ O "Ranking Folha do futebol brasileiro" atribui pontos de acordo com a importância das principais competições das quais os clubes brasileiros participam. Pontuam apenas o campeão e o vice de cada competição. Como os critérios de pontuação são determinados pela própria "Folha de São Paulo", cf. FSP 28/12/98.

¹⁰ O ranking da "Placar" tem como referência apenas a participação dos clubes nos campeonatos brasileiros disputados a partir de 1971, e por esta razão difere do "Ranking Folha". São atribuídos pontos de 1 a 10 de acordo com a ordem decrescente de classificação nos brasileiros; o campeão soma dez pontos, o vice nove e assim sucessivamente até o 10º colocado, que soma um ponto -- os demais não pontuam.

¹¹ Vale lembrar que, mesmo nos primeiros anos do profissionalismo, o salário dos jogadores, mesmo aqueles vinculados aos grandes clubes, não havia atingido as cifras atuais (cf. Castro, 1995:94-103). Assim, o emprego na fábrica, que, dependendo da performance futebolística, poderia render ao atleta uma promoção a cargo de chefia no baixo-escalão, era muito valorizado, especialmente por ter "carteira assinada". O caso de Pedrinho, Flazio e Zezinho, ex-atletas do Metropol, de Criciúma, demonstra a importância dos vínculos com a empresa que financiava o clube. Graças à carteira assinada, "os três jogadores possuem, como principal fonte de renda, a aposentadoria na Carbonífera Metropolitana" (Silva Jr, 1996:211).

¹² Em razão destas peculiaridades, as "peladas" são tomadas, freqüentemente, como uma manifestação lúdica, artística e democrática da cultura popular. O futebol praticado nos clubes seria, então, o oposto: competitivo, burocrático e excludente. Nem uma coisa nem outra, como mostra um trabalho de Guedes (1982) entre os operários de uma indústria têxtil do Rio de Janeiro com passagem por clubes "semi-profissionais". O depoimento destes "jogadores frustrados" contesta a idéia de conformidade das classes trabalhadoras em relação à "pelada". Trata-se,

evidentemente, de uma prática importante desde o ponto de vista da construção e desconstrução da masculinidade, da sociabilidade e do lazer. Todavia, o “peladeiro” não deixa de ser um profissional fracassado, especialmente no interior destes grupos para os quais o futebol se constitui numa possibilidade - em geral referida como “sonho” - de ascensão social e econômica. Entre os “profissionais frustrados”, incluindo os que apenas sonharam e outros que tentaram, com maior ou menor êxito, realizar este sonho, a tendência é a valorização dos times “uniformizados”, “calçados” e que participam regularmente de competições no circuito local, em detrimento dos “peladeiros” por excelência; dos que, por uma razão ou outra, estão à margem do verdadeiro jogo, daquele que não se limita a um fim em si mesmo. Em resumo, a apregoada pureza e hiper-valorização das “peladas” deve ser relativizada.

¹³ Embora eu mesmo não tenha me preocupado muito com a distinção entre atletas e jogadores, na maioria das vezes tomados como sinônimos, esta diferença se impõe neste momento. A rigor, o termo jogador é atribuído, indistintamente, a qualquer praticante de futebol, ao passo que o termo atleta possui uma conotação restrita, designando aquele que se submete aos treinamentos visando o profissionalismo. Esta distinção é particularmente recorrente nas “categorias de base” dos grande clubes e serve, inclusive, para demarcar a diferença entre o que “tem futuro” - “profissional”, “atleta”, etc. - e outro que “não tem” - “peladeiro”, “jogador”, etc. Cf. Damo (1995).

¹⁴ Veja-se o caso do Grêmio, por exemplo. Seu presidente, que centraliza as decisões mais importantes, tem mandato de dois anos e é eleito pelo Conselho Deliberativo. Este, por seu turno, atua como uma espécie de parlamento e é renovado em 1/3, de quatro em quatro anos, pelo voto dos associados. O Grêmio tem ainda o Departamento Consular, em atividade desde a década de quarenta, e recentemente instituiu o Consulado Escolar; possui um “território”, o Estádio Olímpico; um “exército”, com alguns “soldados” formados no próprio clube - “nas categorias de base” e outros trazidos “de fora”; museu, sala de troféus e, principalmente, um extenso contingente de gremistas. De mais a mais, o termo “nação” é amplamente utilizado pelos torcedores para se referirem a eles próprios enquanto coletividade que se agrega em torno de um mesmo ideário, no caso, o clube pelo qual torcem.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict (1989), *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática.
- ANTUNES, Fátima (1994), "O futebol nas fábricas". In: *Revista USP*, nº 22.
- _____ (1996), "O futebol na Light & Power de São Paulo". In: *Pesquisa de Campo*, nº 3/4.
- BAKHTIN, Mikhail (1993), *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo-Brasília, Edunb/HUCITEC.
- BACHELARD, Gaston (1988), *A dialética da duração*. São Paulo, Ática.
- BOURDIEU, Pierre (1983), "Como é possível ser esportivo". In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- CASTRO, Ruy (1995), *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Cia das Letras.
- CÉSAR, Benedito T. (1982), "Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo". *Dissertação de Mestrado*. Campinas, IFCH/ UNICAMP/Antropologia Social.
- COELHO NETTO, Paulo (1952), *História do Fluminense*. Rio de Janeiro, Gráfica Borsoi.
- DAMATTA, Roberto (1994), "Antropologia do óbvio". In: *Revista USP*, nº 22.
- DAMO, Arlei (1995), "A construção da corporalidade do atleta no meio futebolístico". *Monografia*. Porto Alegre, PPGAS/ UFRGS.

- _____ (1998), "Para o que der e vier - O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense". *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- DIENSTMANN, Cláudio (1987), *Campeonato gaúcho: 68 anos de história*. Porto Alegre, Sulina; 2ª ed.
- ELIAS, Norbert (1992a), "Ensaio sobre o desporto e a violência". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), *A busca da excitação*. Lisboa, Difel.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (1992), "A dinâmica dos grupos esportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), *A busca da excitação*. Lisboa, Difel.
- FILHO, Mário (1964), *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- FINE, Ben & LEOPOLD, Ellen (1993), "Food for thought". In: *The Word of Consumption*. New York, Routledge.
- FREYRE, Gilberto (1964), "Prefácio". In: FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- FRYDENBERG, Julio (1997), "Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910". In: *Entrepasados: Revista de História*. Ano VI, nº 12.
- GEERTZ, Clifford (1989), *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- GUEDES, Simone (1982), "Subúrbio: Celeiro de craques". In: *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro. Pinakotheke.

LEITE LOPES, José S. (1992), "A morte da alegria do povo". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 20.

_____ (1994), "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*". In: *Revista USP*, nº 22.

LEVER, Janet (1983), *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro, Record.

LÉVI-STRAUSS, Ciaude (1975), *Totemismo hoje*. Petrópolis, Vozes.

LEVINE, Robert (1982), "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.

MAGNANI, José G. (1984), *Festa no pedaço*. São Paulo, Brasiliense.

_____ (1996), "Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (org.), *Na metrópole*. EDUSP/Fapesp.

MAUSS, Mareel (1974), "As técnicas corporais". In: *Sociologia e Antropologia II*. São Paulo, EPU/EDUSP.

RICOEUR, Paul (s/d), *Teoria da interpretação*. Lisboa, Edições 70.

RODRIGUES FILHO, Nelson (1995), "Lima Barreto: Jogando contra o futebol". In: *Pesquisa de Campo*, n.º 3/4.

ROSENFELD, Anatol (1993), *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Edusp.

SAHLINS, Marshall (1979), *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Zahar.

SEVCENKO, Nicolau (1992), *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, Cia. das Letras.

SHIRTS, Matthew (1982), "Futebol no Brasil ou football in Brazil?". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.

SILVA Jr., José (1996), *Histórias que a bola esqueceu*. Florianópolis, CMM Comunicação.

SOUZA, Marcos (1996), "A 'Nação em chuteiras': Raça e masculinidade no futebol brasileiro". *Dissertação de Mestrado*; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Brasília/UnB.

TOLEDO, Luis H. (1993), Por que xingam os torcedores? In: *Cadernos de Campo*, n.º 3, USP/IBICT.

_____. (1995), Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. *Dissertação de mestrado*. São Paulo, FFLCH/USP.

_____. (1996a), *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo, Autores Associados/ANPOCS.

_____. (1996b), "Contribuições ao estudo da crônica esportiva I: 'contracrônica esportiva de Lima Barreto'". In: *Pesquisa de Campo*, n.º 3/4.

WEBER, Max (1974), "A Nação". In: GERTH, H. H. & MILLS W. (org.), *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar.